

Quem nasce no Brasil é o quê mesmo?

Uma curiosidade um tanto infantil talvez possa nos ser altamente reveladora. Afinal, o adjetivo pátrio, aquele que nos indica origem ou procedência de alguém, geralmente se expressa pelos sufixos *ense* ou *ês* ou, ainda *iano*. Assim, temos o francês, o português, o inglês entre tantos. Ou ainda, o italiano, o peruano, o venezuelano, equatoriano entre outros tais. Há ainda outras variações, como o paraguaio o guatemalteco, que nos parecem muito originais e para os quais não encontramos paralelo. O mesmo se passa com brasileiro. Embora os franceses nos chamem *bresilien*, os ingleses *brazilian* e os italianos *brasiliano*, nós, insistimos em nos chamar brasileiros usando esse sufixo *eiro* que não se aplica a nenhum outro adjetivo pátrio. E, aqui entre nós, também usamos o mesmo sufixo *eiro* para indicar a origem ou a procedência de quem nasceu em Minas Gerais: o mineiro.

A palavra brasileiro designava, no período colonial, aquele que vivia de explorar e fazer comércio com o pau-brasil, madeira de cor de brasa de grande valor comercial à época. O sufixo *eiro*, nesse caso, tem, entre outras funções, a de assinalar uma ação ou uma função como em *madeireiro*, *mineiro*, *pistoleiro*, *grileiro* ou *garimpeiro*. Todavia, o adjetivo pátrio brasileiro indica a origem colonial dos que aqui chegavam e o que vinham fazer aqui. O Superdicionário da Língua Portuguesa, da editora Globo, (2000, Fernandes, F.; Luft, C.P. e Guimarães, F.M.) assinala que brasileiro, além de ser aquele ou aquela "natural ou habitante do Brasil" também é o "português que residiu no Brasil e que voltou rico à sua pátria". É interessante observar que embora a língua portuguesa nos ofereça sinônimos para brasileiro, como *brasiliense*, *brasilense* e *brasiliano* essas variantes são desprezadas. O termo brasileiro para designar o natural do Brasil começa a ser consagrado na primeira Constituição Política do Império do Brasil, em 1824. Era natural que um novo marco jurídico para conformar as regras do jogo no território que recém se tornava independente tivesse que nomear e diferenciar os nascidos no novo território. No nosso continente, até mesmo o nome, América, se afirmou como contraposição às metrópoles pela necessidade de afirmação da elite crioula. Até então a expressão Índias Ocidentais era amplamente usada como designação, sobretudo pelos espanhóis para as terras que, depois, seriam denominadas americanas. Nos Estados Unidos, primeiro país a fazer uma revolução de libertação nacional no mundo em 04.07.1776, a expressão *american* foi brandida com força pelos revolucionários para se diferenciarem dos colonizadores ingleses. Enfim, o termo América só se consagra a partir dos ideólogos das elites crioulas contra as antigas metrópoles. O mesmo ocorreu com o regime republicano que passou a vigorar em todos os países da América que faziam a sua independência como forma de auto-afirmação das antigas metrópoles onde imperavam as monarquias. Exceto o Brasil que permaneceu com regime monárquico e se proclamou Império e, com isso, se diferenciando de todas as demais novas nações que nasciam no continente e não sem um ar de superioridade por fazer suas as antigas instituições das metrópoles europeias. Talvez essa continuidade portuguesa nos ajude a entender o porquê da escolha do adjetivo pátrio brasileiro e não *brasiliano* ou *brasiliense*. Afinal, brasileiro é o "português que residiu no Brasil e que voltou rico à sua pátria". Explorar o Brasil é o ser do brasileiro. Quando nos tempos da exploração da borracha na Amazônia dizia-se que o único crime que lá se cometia era não voltar de lá rico, conforme registra o ensaísta amazonense Samuel Benchimol. É ele quem nos conta que à entrada do rio Purus, o mais rico na exploração de borracha, havia uma ilha chamada Consciência, que era onde você devia deixar a consciência antes de subir o rio para não se lembrar do que você havia feito quando voltasse do alto rio. Não à toa, no interior do nordeste, o paroara, aquele que voltava rico da Amazônia, era visto como tendo uma riqueza amaldiçoada. Assim tem sido o objetivo da ocupação do nosso território com grande influência na formação do caráter dos que aqui nascem. Não creio que estamos diante de um fato isolado, nem tampouco de fatos amazônicos. Brasileiro tem sido exatamente isso: aquele que vive de explorar o Brasil. Não é natural ser brasileiro. É uma opção. De minha parte, nasci no Brasil, mas não sou brasileiro. Sou brasileiro. Felizmente, para não ser acusado de apátrida, os nossos dicionários me dão essa opção.

Carlos Walter Porto-Gonçalves